

Entrevista com o jornalista **Diego Castro**, colaborador do Portal Mix Brasil

1) Como surgiu o portal Mix Brasil?

O Mix Brasil é uma organização criada em 1993 com o objetivo de estabelecer um fórum de discussões para um grupo de pessoas que chamamos GLS (gays, lésbicas e simpatizantes). Sua primeira função foi realizar anualmente o Festival Mix Brasil de cinema e vídeo e posteriormente através do BBS MiX Brasil e serviço na Internet, informar e criar espaço para troca de informações em bases constantes para e dentro desse grupo.

2) Como você vê a atuação da mídia brasileira na abordagem das temáticas LGBT? Ela contribui para reproduzir estereótipos? Se sim, de que forma? Como isso poderia ser mudado?

Uma das referências que temos para dizer que a mídia brasileira dá pouca visibilidade favorável ao gay é a do exterior. Um dos grandes problemas no Brasil nesse aspecto é a falta do beijo gay na novela, um beijo que tem que ser sem culpa, sem perseguições, sem neuroses e crises familiares. Um beijo romântico, um beijo tranqüilo, um beijo normal de duas pessoas apaixonadas. Não se pode negar a influência que a televisão tem na formação cultural de um povo. Em muitos casos até hoje, a televisão brasileira apresentou personagens gays que reforçaram o estereótipo do afeminado e/ou promíscuo e fútil, basicamente para fazer humor.

Felizmente, isso tem mudado nos últimos anos, graças à consciência de autores e diretores. Na Europa, houve o “Queer As Folk” original inglês, uma série inteiramente gay que chocou e mudou consciências, abriu caminhos e gerou uma adaptação de mesmo nome nos EUA que durou cinco temporadas. O começo de qualquer mudança mais prática no Brasil, que realmente mude a cabeça dos cidadãos, passa pela cultura, pela televisão.

É um processo lento. Infelizmente, por causa de posições retrógradas de muitos setores, especialmente daqueles ligados a religiões e que pregam absurdos como a vinculação da homossexualidade com a pedofilia, estamos há anos-luz de distância dos EUA e Europa.

3) Que outras diferenças há entre a mídia brasileira e a de outros países?

Uma vez, estive num debate sobre tema similar. Conversamos sobre como nos EUA, por exemplo, os programas de TV, as revistas e a mídia em geral são muito mais abertas ao tema gay que aqui no Brasil. A questão dos porquês é bem complexa e sua abordagem daria uma edição inteira do seu jornal; há muitos pontos-de-vista envolvidos, que se complementam. Há primeiro a idéia de que nunca houve no Brasil um acontecimento de mobilização nacional em torno da causa gay como aconteceu em pelo menos em duas ocasiões nos EUA, no levante de Stonewall em 1969 (que comemora 40 anos em 2009 e é considerado o marco inicial da luta pelos direitos gays no mundo) e no assassinato do jovem Matthew Shepard, de 21 anos, espancado e deixado pra morrer preso à uma cerca, como se fosse um espantalho, em 1998. A agonia lenta da morte dele no hospital, a prisão dos dois assassinos, o julgamento deles (que demorou mais de um ano) e a comoção em torno da pequena cidade onde o crime

aconteceu mobilizaram a imprensa americana de forma intensa. Assim, a população foi começando a ver o gay na sociedade de forma diferente. Aqui, houve o assassinato de um gay de forma similar, um professor da Universidade de Brasília foi espancado e deixado pra morrer amarrado a uma árvore no parque da cidade, mas quase ninguém ficou sabendo, não houve grande cobertura da imprensa.

Há muitos outros fatores, como os programas de TV. Séries de muito sucesso como “Dawson’s Creek” e “Melrose Place”, que não eram gays, tinham personagens que eram; e nenhum era nem um pouco estereotipado. Depois, surgiram “Queer As Folk”, “Will & Grace”, “The L Word”, “Dante’s Cove”, “Noah’s Arc”, que eram compostas primordialmente de personagens gays e dialogavam diretamente com este público. Ainda houve nos EUA séries que misturavam religião e gays e criaram muita polêmica, como “The Book of Daniel”, na qual um padre tem um filho gay que é atacado na rua (o chamado “gay bashing”) enquanto ele em outro local lê um trecho famoso da Bíblia, o Salmo 23. A cena ficou muito forte.

Lentamente, esses programas de TV foram mudando a percepção de muitas pessoas. E o movimento gay americano tornou-se muito forte. O cinema do país também incentivou isso. “Meu Querido Companheiro”, “An Early Frost” (que aqui foi rebatizado de “Aids, Aconteceu Comigo”), “Making Love”, “Banquete de Casamento”, “Brokeback Mountain”, “ Torch Song Trilogy”, “O Beijo Hollywoodiano de Billy”, “And The Band Played On” (sobre a origem da epidemia de AIDS) e milhares de outros títulos também ajudaram ao longo das décadas a mudar a cabeça das pessoas. Há excelentes documentários também, como “The Celluloid Closet”, que mostra como filmes clássicos como “Ben-Hur”, “O Falcão Maltês” e “De Repente No Último Verão” tinham subtexto gay.

Óbvio que nos EUA há também muitos setores conservadores e religiosos que são contra os gays. Mas no Brasil estes segmentos parecem ter mais força e penetração porque o movimento GLBT aqui é muito menor e mais isolado (não por culpa deles, claro, eles têm menos visibilidade na imprensa), e, como foi dito anteriormente, não houve um grande acontecimento nacional gay que provocasse, a partir deste momento, uma agregação completa da mídia em torno de um tema similar no futuro.

As publicações impressas de Estados Unidos e Europa voltadas aos gays há bastante tempo também são muito bem-recebidas no exterior. Felizmente, o Brasil está se abrindo para este tipo de revista, com os lançamentos da Junior, da Dom e da Aimé; com a continuidade do trabalho da G Magazine e com o histórico favorável deixado pela Sui Generis e por outras publicações como o elogiadíssimo e precursor Lampião da Esquina.

4) Enquanto jornalista e homossexual, você já vivenciou esse tipo de abordagem estereotipada dentro de veículos de comunicação?

Já, claro. E sempre deixei minha posição clara; de que não concordava com este tipo de estereótipo e que, se dependesse do meu voto, se eu pudesse influenciar a decisão final, deboche com a cara dos gays não aconteceria mais. Acontece de tudo, das coisas mais sutis às mais sérias. Uma vez, por exemplo, para ilustrar uma dessas “sutilezas”, um editor de cinema alterou a legenda de uma foto que ilustrava minha crítica sobre o filme “Os Irmãos Grimm”, com Matt Damon, Heath Ledger e Monica Belucci. Porque eu

tinha elogiado no texto a beleza de atriz como a Rainha Má, ele colocou na legenda da foto dela “Essa cura até gay”. Ele disse que eu tinha que ter espírito esportivo e deixou a legenda lá.

5) Nesse sentido, qual a importância do Mix Brasil?

O Mix é simplesmente o maior portal gay da América Latina. O fato de estar dentro do UOL, de ter um Festival de Cinema e Vídeo que leva o mesmo nome (e que a cada ano aumenta o número de cidades que visita), a constante presença de seu idealizador e dono André Fischer em muitos debates e programas de TV defendendo os gays; tudo isso contribui para dar cada vez maior visibilidade ao movimento GLBT, mostrando que somos pessoas normais, que comem, dormem, trabalham, se apaixonam, sofrem, pagam impostos, ficam endividados, têm família e medo de morrer, como todo mundo.

6) Você falou em uma palestra sobre a importância da difusão de uma cultura LGBT para adolescentes homossexuais, que não costumam ter elementos para construir uma identificação. Você poderia desenvolver melhor essa temática?

Numa das últimas edições da revista Isto É, (na edição de 3 de setembro) saiu uma matéria que falava do fenômeno do “Bullying”, que é a perseguição sofrida por diversas crianças e adolescentes por parte de outras nas escolas e os traumas gerados como consequência na auto-estima e no desenvolvimento psicológico normal de uma pessoa. Mostrava como muitas vezes a própria instituição minimizava os incidentes, tendo sido necessário até que pais entrassem na justiça.

A mesma questão se aplica ao jovem gay, é o “bullying” por preconceito em relação à sexualidade. O garoto que é perseguido, sofre deboches, é humilhado e espancado pelos colegas na escola por demonstrar inclinação gay, e que não conta com o apoio nem de professores e diretores na escola, e nem da família em casa (muito pelo contrário, em diversas ocasiões), vai muitas vezes crescer se sentindo inferior, sempre se sentindo culpado, desmerecedor de qualquer felicidade, sentindo vergonha de ser o que é, embora nunca tenha escolhido isso. (eis também porque qualquer pessoa ou publicação que use a expressão “opção sexual” comente um erro crasso; ninguém nunca “escolhe” ser gay, como ninguém “escolhe” ser hétero. O que se sente é o que se sente. Da mesma forma que, gay ou hétero, ninguém escolhe por quem se apaixona.).

Em casos extremos, o menino perseguido no colégio por ser gay poderá até pensar em suicídio. Invariavelmente, precisará de um acompanhamento psicológico na vida adulta, para lidar com os traumas que ficaram da adolescência. É necessária uma conscientização da escola e da família no início do processo de amadurecimento da pessoa, para que ela não fique traumatizada por violências de diversos níveis a que foi submetida nos anos escolares. A construção de uma auto-estima sólida é uma das melhores coisas que a escola e a família podem oferecer à criança e ao adolescente. As instituições de ensino têm que ter preparo para lidar com essas questões, visto que sua função muitas vezes é substituir famílias omissas. A escola deve formar, além de informar.

7) Além dessa relação com os jovens, de que outras formas a difusão dessa cultura é importante?

É fundamental mostrar à sociedade que os gays são pessoas normais. Da mesma forma errônea e de certa forma pueril que a sociedade tende a idolatrar pessoas famosas como atores e cantores, achando que eles são “superiores”, semi-deuses que não têm problemas, não sofrem, não choram e não vão ao banheiro, esta mesma sociedade tende a colocar o gay na vertente oposta, de que são seres “inferiores”, “aberrações da natureza” que não merecem viver e terem os direitos mais básicos, como namorar ou casar. Todas as pessoas são normais, com necessidades normais. Todos são humanos e sangram vermelho. Não há a casta dos escolhidos, nem a dos desprezados. É uma pena que muitas pessoas usem a Bíblia, por exemplo, para justificar a perseguição aos gays. Onde elas e seus argumentos estão, quando são confrontados com o fato de que a mesmíssima Bíblia tem um número muito superior de passagens denegrindo e menosprezando a figura da mulher? Na época da caça às bruxas em Salém, religiosos matavam pessoas queimadas vivas em fogueiras em nome de Deus. Depois descobriram que não existiam bruxas. Hoje, em pleno século 21, não se usa mais o fogo, mas religiosos perseguem os gays como se estes fossem os novos bruxos; novamente usando a palavra de Deus como argumento. O Senado é invadido em Brasília por 1500 evangélicos e católicos e o microfone é usado para propagar palavras de ódio contra os gays. O Estado não deveria ser inteiramente laico? A discussão é bastante extensa, para além destas linhas.

8) Por que é tão difícil encontrar filmes, livros, séries etc. sobre a temática GLBT no Brasil?

São muitas as razões, que se misturam. Novamente, é um assunto que não caberia discutir apenas no pequeno espaço desta resposta. Há o grande desinteresse da indústria, que acha que não há mercado para investimentos maciços na área, nem para passar de VHS (anteriormente lançado no país) para DVD filmes clássicos como “O Padre” e “Maurice”. De outro lado, há a questão do armário. Muitos gays não se sentem assumidos o suficiente para chegar numa locadora e procurarem determinado filme de temática gay, ou para pararem numa banca de jornal e pedirem por uma revista especializada, que muitas vezes não está exposta, precisando ser procurada, aumentando o suposto constrangimento de quem a busca. E há, claro, o preconceito permeando todo o processo, embora dificilmente este será assumido. Fica parecendo aquele slogan de propaganda de biscoito, ele vende mais porque é fresquinho ou é fresquinho porque vende mais? Os consumidores vão dizer que a indústria não oferece muitos títulos, a indústria vai devolver dizendo que poucos os procuram, que não há demanda que sustente a produção.

Felizmente, aos poucos esta situação vai melhorando, à medida que mais gays conscientes exigem filmes, livros e séries que reflitam suas realidades. Já foi lançada no Brasil, por exemplo, a série “The L Word” em DVD, para meninas, mas a versão gay, “Queer As Folk” (e da qual a feminina é spin-off, derivada) ainda não há nem previsão. Talvez por causa das intensas e realistas cenas de sexo entre homens? Há a questão também de que se diz que o Brasil é um país machista, daí a ter mais “tolerância” com mulheres homossexuais (estar com um casal delas na cama permeia a fantasia sexual de 8 entre 10 homens héteros, supostamente) do que com homens gays, considerados mais “ameaçadores”, “nocivos” e “sujos”. (já ouvi todas essas argumentações). Seria interessante saber dessas empresas porque uma comédia estilo “American Pie”, sobre adolescentes tendo sua primeira vez, mas em versão gay, nunca foi lançada no Brasil. O

título é “Another Gay Movie”. Poderia ajudar muitos adolescentes brasileiros que não entendem o que estão sentindo e que se sentem perseguidos por isso.

Outro exemplo bem claro: no livro “Queer As Folk, The Book”, especializado na série e não lançado no Brasil, um dos atores assumidos do programa, Peter Paige, que faz o personagem afeminado Emmett, cita uma frase de um determinado episódio (o 14º da primeira temporada) que diz “Deus ama você exatamente do jeito que você é”, comentando que teria sido muito importante para ele, como homem gay, ter ouvido essa frase sobre homossexuais num programa de televisão quando ele tinha 15 anos e lutava para se aceitar. Novamente, este exemplo reforça o que disse acima: a cultura tem parte fundamental na conscientização, na auto-aceitação e na saída do armário de um gay, em qualquer idade e em qualquer lugar. Eis porque teríamos que ter cada vez mais livros nas prateleiras, filmes no cinema, séries na TV e DVDs nas lojas e locadoras sobre o tema.

9) Você já presenciou ou viveu uma situação de homofobia que o tenha marcado, profissional ou pessoalmente?

Em diversas ocasiões. Pessoalmente, desde as mais simples, como quando sentei ao lado de um amigo num restaurante, em vez de sentar na frente dele, e fomos mal tratados pelos garçons e até pelo gerente (claro que nunca mais voltei lá; o lugar nem existe mais hoje) até as mais sérias, como quando fui assaltado e sofri violência física de um bando de pitboys. Esta última situação só não foi pior porque consegui fugir correndo num momento de distração deles. Consegui fugir e vencê-los na corrida, aliás, porque alguns deles correram atrás de mim. Profissionalmente, o caso de homofobia mais séria que presenciei foi quando estava cobrindo para o Mix o beijaço de protesto organizado por entidades gays numa pizzaria no Largo do Machado, que tinha expulso duas meninas que se beijavam na semana anterior. No meio dos 50 manifestantes GLBT e na frente do Carlos Minc, que foi conosco levar uma carta à gerência do local, uma mulher que estava na fila para comprar uma pizza naquele momento começou a gritar dizendo que estava presente no dia da expulsão e que a atitude da gerência estava certa, que ela estava com a família dela no dia e não queria ver gays se beijando, que era nojento e etc., começou a dizer coisas terríveis. Eu só consegui me controlar para não dizer meia dúzia de verdades àquela pessoa porque estava ali como jornalista, representando o Mix Brasil. Se estivesse como pessoa física, ela ia ouvir.